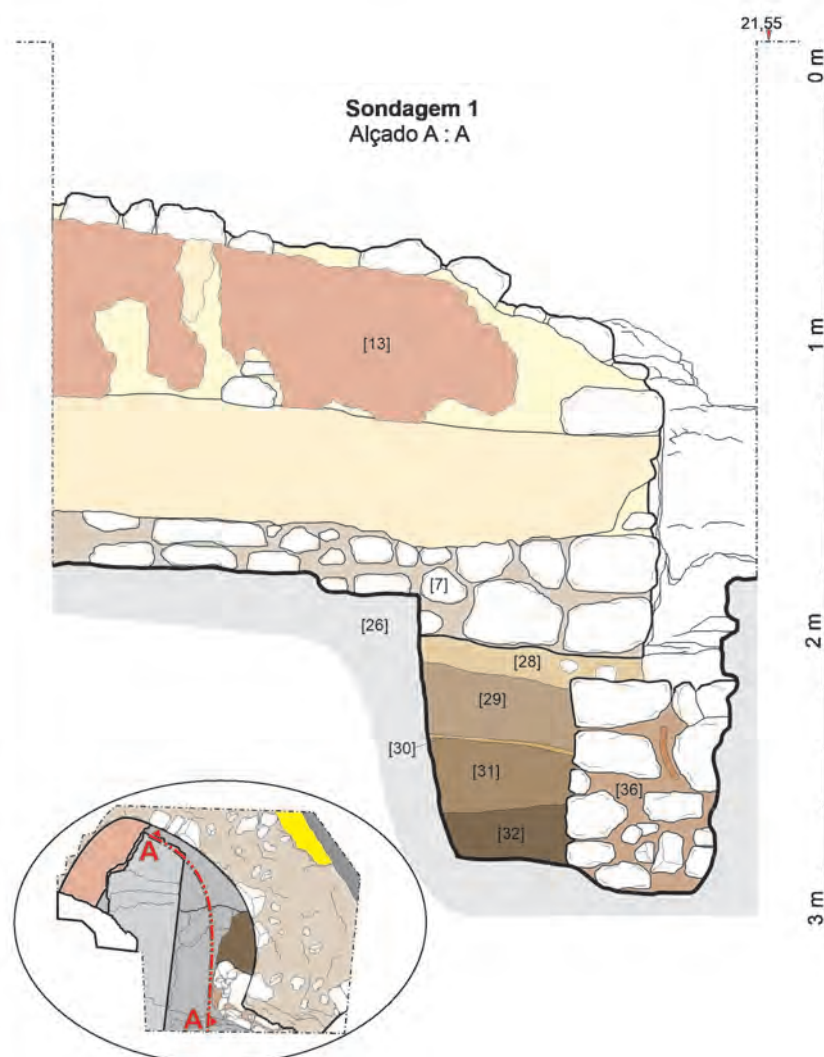
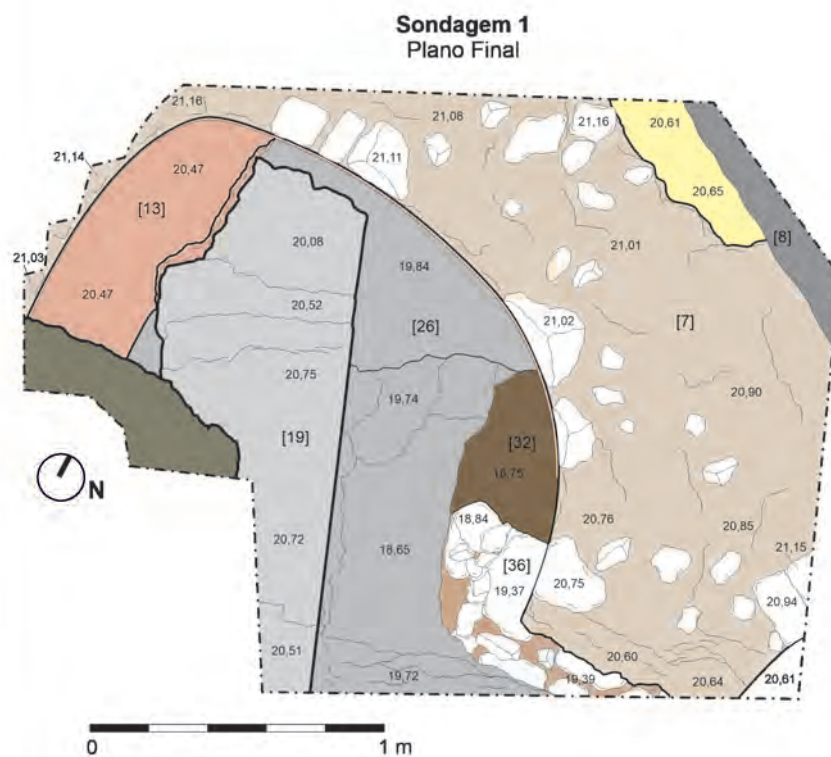


Localização das sondagens de 2005 (1 e 2) e 2013 (3)



Estruturas termais do Beco do Marquês de Angeja, Lisboa

VICTOR FILIPE

No Beco do Marquês de Angeja, Alfama, foi realizada uma primeira intervenção arqueológica em 2005 e uma outra em 2013, ambas sob a responsabilidade científica de Victor Filipe e enquadradas no “Projecto de Alteração e Ampliação do Conjunto Edificado situado na Rua de São João da Praça (n.ºs 28-30) e Beco do Marquês de Angeja”.

Na primeira intervenção foram abertas duas sondagens de diagnóstico: uma no n.º 28 da Rua de São João da Praça (sondagem 2), onde apenas se observaram contextos de época Moderna; e uma outra (sondagem 1) no interior do n.º 4 do Beco do Marquês de Angeja, construção precária e em elevado estado de deterioração localizada na área interior da designada “Cerca Velha”, onde se viria a registar uma intensa ocupação do espaço em época Romana (Filipe, 2005; Filipe e Calado, 2007).

Resumidamente, foi documentada uma estrutura em abside revestida a *opus signinum* no seu interior, que poderá corresponder a um *alveus* e deverá ter pertencido a um complexo mais amplo de banhos privados ou termas. Para além desta, registou-se uma outra estrutura, com ligante de argila, cronologicamente anterior e de funcionalidade indeterminada, sobre a qual viria a ser construída a mencionada estrutura termal.

Desta prolífica ocupação estrutural do espaço, bem como da reduzida dimensão da sondagem, resultaria a escassez de depósitos arqueológicos associados e, consequentemente, de materiais arqueológicos, pelo que são bastante reduzidos os elementos cronológicos para datar as referidas estruturas. Relativamente à mais antiga, não foi possível datar a sua construção embora os escassos materiais recolhidos pareçam apontar para o seu abandono em época de Augusto ou pouco posterior, pelo que aquela poderá datar ainda da fase tardo-republicana. O complexo termal terá sido construído em finais do século I d.C. ou início da centúria seguinte, não tendo ficado esclarecida a cronologia do seu abandono (Filipe e Calado, 2007).

Ainda que de forma bastante parcelar, a documentação daquela estrutura termal adquiriu particular importância na medida em que no *pomerium* da cidade de *Olisipo* apenas se conheciam, aquando da sua identificação, as designadas Termas dos Cássios, na parte ocidental da urbe, para além das termas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, situadas extramuros. Acrescente-se ainda a reconhecida riqueza aquífera desta zona oriental da encosta Sul da colina do castelo (veja-se, a título de exemplo: Almeida, 1972; Ramalho e Lourenço,

FIG. 1

Visão geral sobre os vestígios arqueológicos termais (3D) (© Victor Filipe).

2005; Marrero-Díaz e Ramalho, 2015), que não passou despercebida em época Romana e de que são conhecidos outros testemunhos do seu mais que provável aproveitamento no Palácio do Marquês de Angeja.

A intervenção de 2013 viria a incidir no canto Norte do pátio do Beco do Marquês de Angeja (sondagem 3), a poucos metros da sondagem atrás descrita, no local onde anteriormente se localizara uma pequena edificação cujo piso se elevava cerca de 1,5 m em relação à cota do pátio e das restantes edificações que ali se implantavam. Esta diferença altimétrica justificava-se pela existência, sob a referida edificação, de alguns blocos de calcário local de considerável dimensão, que poderão corresponder a antigos episódios de colapso da escarpa e que terão condicionado a sua construção. Foi justamente no exíguo espaço existente entre estes blocos calcários e o afloramento rochoso detectado no local que se registaram alguns depósitos arqueológicos que, embora localizados a cota mais alta em relação à estrutura termal alto-imperial documentada na sondagem 1 em 2005, são de formação mais antiga.

No conjunto artefactual ali exumado, reduzido e muito fragmentado, evidencia-se uma grande componente de cerâmica atribuível à Idade do Ferro a par de materiais tardo-republicanos, fauna mamalógica, ictiológica e, sobretudo, malacológica. Relativamente à Tardo-República, observa-se a presença de cerâmica cinzenta, paredes finas republicanas, cerâmica comum itálica, do sul peninsular e local, bem como, ainda que de forma escassa, de cerâmica campaniense. Quanto às ânforas, os únicos fragmentos morfologicamente classificáveis identificados são dois bordos de T-7.4.3.3. da costa meridional da Ulterior e um fundo com pasta atribuível à região costeira do Nordeste peninsular, que deverá corresponder a uma Pascual 1. Para além destes, verificou-se ainda a presença frequente de paredes de ânforas romanas

exibindo fabricos associáveis à costa tirrénica e adriática da Península Itálica, ao vale do Guadalquivir e aos vales dos rios Tejo e Sado, que, tendo em conta a cronologia dos restantes materiais, poderão corresponder, respectivamente, a contentores de tipo Dressel 1, ânforas de Brindisi ou Lamboglia 2, ovóides do Guadalquivir e Lusitanas Antigas.

Se a presença de ânforas com fabrico lusitano não permite recuar a cronologia de formação destes depósitos para lá dos meados da primeira centúria antes da viragem da Era, a ausência de *terra sigillata* parece indicar que aquela deverá ter ocorrido em fase anterior ao início do principado de Augusto ou nos seus primeiros anos, ou seja, muito provavelmente algures durante o terceiro quartel do século I a.C. ou pouco depois.

Naturalmente haverá que ter presente que o conjunto de materiais no qual assenta esta proposta de cronologia é assaz escasso, pelo que apenas a realização de futuras escavações a poderá confirmar de forma segura. Não deixa, contudo, de ser sugestivo que a cronologia proposta para a estrutura mais antiga detectada em 2005 na sondagem 1 (Filipe e Calado, 2007, p. 5), situada a escassos metros da sondagem 3, seja precisamente a fase imediatamente anterior ao principado de Augusto, embora também ali tal proposta assente sobre uma (ainda mais) reduzida amostra cerâmica.

Os vestígios colocados a descoberto em 2005 na sondagem 1 foram então protegidos com manta geotêxtil e uma camada de areia e aterrados, tendo ficado preservados *in situ*. Já as realidades documentadas durante a campanha de 2013 foram totalmente escavadas até à cota de afectação do projecto. Os materiais encontram-se depositados nas instalações da Câmara Municipal de Lisboa.

FIG. 2

Em cima, perspectiva geral e detalhe sobre as estruturas detectadas na sondagem 1; em baixo, aspecto sobre a área escavada na sondagem 3 (créditos fotográficos: © Vítor Filipe).



